

A representação de conflitos políticos e sociais em *Shalimar, o equilibrista*,
de Salman Rushdie

Shirley de Souza Gomes Carreira

UNIABEU

RESUMO: Este artigo visa ao exame da representação de conflitos políticos e sociais no romance *Shalimar, o equilibrista*, de Salman Rushdie. Muito embora a espinha dorsal do romance seja uma vingança originada por uma decepção amorosa, os conflitos sociais que afetaram o Paquistão e a Índia formam o *background* onde se desenrola uma importante parte da ação e, de certa forma, reporta-se ao olhar crítico do autor sobre o terrorismo no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Rushdie; conflito social; terrorismo

**SOCIAL AND POLITICAL CONFLICTS REPRESENTATION IN THE NOVEL
SHALIMAR, THE CLOWN, BY SALMAN RUSHDIE**

ABSTRACT: This article aims at the exam of social and political conflicts representation in the novel *Shalimar, the clown*, by Salman Rushdie. Although the framework of the novel is a revenge derived from an affective disillusionment, the social conflicts that affected Pakistan and India comprise the background where an important part of the action takes place and, to some extent, refer to the author's critical view of terrorism in the contemporary world.

Key words: Rushdie; social conflict; terrorism

INTRODUÇÃO

Só o caráter do Homem é suspeito e
cambiante. Só o Homem, conhecendo o
bem, pode fazer o mal. Só o Homem usa
máscaras.

Rushdie (2005, p. 96)

Em muitas das suas obras, Salman Rushdie elegeu conflitos políticos e sociais que afligiram a Índia e o Paquistão como *background*, fazendo da História um dos seus principais intertextos.

Em *Shalimar, o equilibrista*, Rushdie aborda a questão do domínio da Caxemira, pivô de conflitos cujas raízes estão ancoradas nas duas maiores transformações macro-históricas que ocorreram no subcontinente asiático: a consolidação colonial britânica e a subsequente descolonização e partição política de 1947.

O vale de Caxemira é uma região marcada por sucessivas ocupações e atritos político-militares. Depois de séculos de presença hindu e budista, a região foi convertida quase totalmente ao islamismo no séc. XIV, e, a partir de 1586, passou a integrar o poderoso império Mugal. Tornada independente já em 1751, a região sofreu de episódios periódicos de violência étnica e intertribal durante quase um século, até ser “pacificada” pelo Império Britânico, que em 1846 “criou” a região administrativa de Jammu e Caxemira, através do Tratado de Amritsar.

Mediante um pagamento generoso à Companhia das Índias Orientais, os britânicos instalaram no poder um governante hindu, Raja Gulab Singh, numa área tradicional e fervorosamente muçulmana (mais de dois terços da população). Esta situação prolongou-se até a década de 20 e agravou-se com a chegada ao poder do Marajá Hari Singh. Em 1931, o movimento popular contra o governo de Hari Singh foi brutalmente reprimido e, após uma série de incidentes menores, 23 pessoas morreram em confronto com a polícia estadual, em Srinagar. O conflito, conhecido como o “Dia dos Mártires”, assinalou o começo da luta consciente e politizada contra Hari Singh e o poder hindu na região, por ele representado.

Em 1932, com a criação da Conferência Muçulmana, surgiu também o interesse em transformar a região de Jammu e Caxemira em um estado confessional islâmico. O que até a década de 40 fora consequência de uma fratura étnico-religiosa acabou por fundir-se à questão da descolonização britânica.

Quando a Índia, graças à atuação de ativistas políticos liderados por Mahatma Ghandi, conquistou sua independência em 15 de agosto de 1947, a situação no subcontinente era caótica. Mais de 580 pequenos Estados, que antes haviam sido

principados semi-independentes, tinham de decidir o seu destino: integração no novo Estado Indiano, ou independência. No entanto, subcontinente asiático foi dividido em dois e sua população redistribuiu-se, segundo o critério confessional, entre a Índia, de predominância cultural e religiosa hindu, e o novo estado muçulmano denominado Paquistão. Esperava-se que a Caxemira, cuja população era muçulmana, se unisse ao Paquistão, o que deveria ser decidido por meio de um plebiscito que nunca aconteceu. O poder estava então nas mãos de um marajá hindu indeciso, que teria preferido um governo independente dos dois recém-criados países. Sua indecisão permitiu que a milícia islâmica paquistanesa invadisse a Caxemira e forçou-o a pedir auxílio à Índia. Foi o início de uma presença militar opressiva, bem como do fundamentalismo religioso na região. A consequência do apoio indiano foi a primeira das três guerras (1947, 1961 e 1971) envolvendo o território da Caxemira.

Em seu romance, Rushdie aborda a gênese e o desenvolvimento da Força Nacional de Libertação da Caxemira; o crescimento e a ferocidade do Lashkar-e-Taiba, um dos mais temidos grupos de resistência muçulmana; bem como o banimento dos Pandits hindus da Caxemira. Ao fazê-lo, Rushdie tece uma história repleta de fábulas, superstições e lendas, em que as paixões humanas desencadeiam ações extremas, como o terrorismo.

1. A FICÇÃO QUE RECONTA A HISTÓRIA

"The battle against totalitarian religion is the battle of our time."

Rushdie

Shalimar, o equilibrista é composto por cinco capítulos cujos títulos correspondem aos nomes de personagens: Índia, Boonyi, Max, Shalimar e Kashmira, preconizando uma focalização específica nas histórias pessoais de cada um e sugerindo uma narrativa episódica.

O romance é narrado em *media res*, com alternância temporal, e tem como mola propulsora o assassinato de Max Ophuls, em Los Angeles, 1991. Herói da resistência durante a Segunda Guerra Mundial, ele fora visitar a filha, Índia, e as pistas do texto levam o leitor a concluir que o assassino é Shalimar, seu ex-motorista. A partir daí, o romance empreende uma viagem ao passado em que as relações entre assassino e vítima são estabelecidas.

Filha ilegítima e fruto de um caso de amor entre seu pai e uma indiana, Boonyi Kaul Noman, Índia recebera da esposa legal de seu pai o nome que detestava, bem como a misericordiosa omissão do fato de que sua mãe estava viva e a abandonara.

A espinha dorsal do romance é a história de amor entre Boonyi e Shalimar, que dialoga com o Ramayana. No épico védico, o deus Rama sai para caçar e pede a seu irmão Lakshmana que cuide de sua esposa, Sita. Como a caçada era um artilheiro preparado pelo demônio Ravana para sequestrar Sita, Lakshmana ouviu uma voz idêntica à voz do irmão pedindo socorro e parte para ajudá-lo, não sem antes traçar um círculo mágico para proteger a esposa de seu irmão. Ravana disfarça-se de Brahmana e aproxima-se dela pedindo comida. Seguindo a tradição védica, por compaixão, Sita sai do círculo para dar-lhe comida, e é feita prisioneira.

No romance, Boonyi e Shalimar, jovens da mesma idade e filhos de famílias amigas, embora de religiões diferentes, começam a sentir uma imensa atração um pelo outro e acabam por relacionar-se sexualmente. No dia em que ambos decidem consumir seu amor, Boonyi pensa na história do Ramayana, fazendo uma analogia entre as suas motivações e as da esposa de Rama, indagando-se se Shalimar seria o seu herói épico ou o seu demônio. Ao tentar explicar a si mesma aquilo que sentia pelo homem a quem decidira se entregar, pensa: "Ela o amava porque ele não machucaria – nem saberia como! – qualquer ser vivo. Como poderia fazer-lhe mal se não faria mal a uma mosca?"

Com a aparente inconsequência dos amantes, nessa mesma noite, Shalimar lhe pede que nunca o deixe, pois se ela o fizer ele jamais a perdoará e se vingará, matando-a e matando até mesmo os filhos que venha a ter com outro homem. A resposta de Boonyi é tão inconsequente quanto o pedido de seu amante: "Como você é romântico. Você diz as coisas mais doces." (p.67)

Boonyi Kaul Noman é obcecada pelo desejo de sair de Pachigam, a sua aldeia natal, de escapar à rotina do casamento com Shalimar, cujo verdadeiro nome era Noman Sher Noman; de fugir da morosidade e da insuficiência que antevia em seu futuro. Com essa intenção, ela dança para Max Ophuls, um embaixador em visita à região, desejando ardentemente que ele preste atenção nela, que a tire dali, pois, para ela, a Caxemira é uma prisão.

Ao abandonar o marido e a terra natal para tornar-se amante de Max, Boonyi pensa estar conquistando a liberdade; no entanto, troca uma prisão por outra. Ao engravidar, provoca um escândalo, que culmina no seu retorno para Pachigam, sem a filha, onde permanece até ser assassinada por Shalimar, que começa a cumprir a sua promessa de vingança.

A Caxemira evocada na longa digressão que começa no capítulo 2, uma narrativa em *flashback*, com a finalidade de fornecer ao leitor o conhecimento sobre os eventos que levaram ao assassinato do embaixador, é edênica, no sentido de não comportar segregação religio¹sa ou sexual. Sobre a sua visão da Caxemira, o autor explica:

Veja, o islã na Caxemira sempre foi místico, gentil e aberto, não como o dos jihadistas. Não havia segregação sexual. Havia uma grande mistura religiosa. Mas então vieram os grupos extremistas, que tentaram impor à Caxemira uma idéia de islã estranha a ela. A violência funcionou e hoje na Caxemira se vêem mulheres cobertas, o que é anticaxemireNSE. Sempre me senti mal sobre isso, porque minha família é de lá, passava férias lá quando criança. Para todos na Índia, a Caxemira é o espaço encantado da infância. E foi destruído, obrigando-nos a viver num mundo sem sonho. Meu livro é um pouco sobre como viver num mundo no qual seus sonhos são destruídos.¹

No âmbito do romance, o fim da convivência pacífica entre diferentes, que o autor menciona na entrevista citada, é simbolicamente representado pelas relações entre as aldeias de atores e as aldeias dos cozinheiros. Quando os aldeões de Pachigam, contadores de histórias de *clowns*, passaram também a oferecer banquetes, estabeleceu-se uma rivalidade entre Shirmal, a principal aldeia cozinheira, e Pachigam, desencadeando a "guerra das panelas".

A guerra da panela horrorizou todo mundo em Pachigam, mesmo tendo a aldeia saído vencedora. Eles tinham sempre pensado eu os seus vizinhos, os aldeões de Shirmal, eram mais que um tanto esquisitos, mas ninguém imaginara que fosse possível abrir-se uma fenda tão ultrajante na paz, que caxemirenses pudessem atacar outros caxemirenses levados por motivações tão mesquinhas quanto a inveja, a malícia e a ganância. (RUSHDIE, 2005, p.69)

¹ Entrevista disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u51779.shtml>

É perceptível, na narrativa, a existência de um olhar satírico do autor, comparável ao de Swift ao criar o conflito entre liliputianos e os habitantes de Blefusco. Por sinal, em *Fury*, Rushdie faz menção às duas cidades criadas por Swift, ilustrando a noção de influência segundo Derrida, isto é, como *destinerrance*: destino, herança e errância de tradições e poéticas individuais. Assim como Swift, Rushdie ficcionaliza uma questão política real; no caso de *Shalimar, the clown*, o conflito entre Índia e Paquistão pela posse da Caxemira. Embora, Pachigam seja uma aldeia fictícia, Rushdie a localiza na região onde, efetivamente, ocorreram as lutas armadas. Os eventos decorrentes da Partição são, assim, narrados:

Tanta coisa era nova nessa época, tanta coisa apenas semi-entendida. O próprio “Paquistão” era um ex-rumor, uma palavra fantasma que só tivera um lugar real a ele ligado durante dois breves meses. Talvez por essa razão — seu deslocamento pela fronteira entre o mundo de sombras dos rumores e o mundo “real” — a questão do novo país despertou as mais furiosas paixões entre os rumores enxameados do Shalimar Bagh. “O Paquistão tem direito ao seu lado”, disse um rumor, “porque aqui na Caxemira um povo muçulmano está sendo impedido por um governante hindu de se juntar a seus correligionários em um novo estado muçulmano.” Um segundo rumor surgiu em resposta: “Como você pode falar em direito, quando o Paquistão desencadeou a sua horda assassina sobre nós? Não sabe que os líderes do Paquistão disseram a essas tribos que cortam gargantas que a Caxemira está cheia de ouro, tapetes e belas mulheres e mandaram que pilhassem, estupassem e matassem infiéis enquanto estavam com a mão na massa? Isso é um país ao qual você quer se juntar?”. Um terceiro rumor culpava o marajá. “Ele está hesitando há meses. A Partição aconteceu dois meses atrás! E ele ainda não conseguiu resolver a quem vai se juntar, ao Paquistão ou à Índia.” (RUSHDIE, 2005, p. 92)

Rushdie cria neste romance uma personagem que é a perfeita alegoria da ação de líderes religiosos extremistas, como o Aiatolá Khomeini, que sentenciou o autor à morte: o mulá de ferro; um fanático pregador, nascido dos restos de *hardware* militar do exército indiano, que, miraculosamente, uniram-se e ganharam vida. O mulá era um homem magro, andrajoso, de pele cor de metal enferrujado e voz gutural, que andava pelas vilas a pregar resistência e vingança.

Os homens que nasceram miraculosamente desses metais de guerra enferrujados, que saíram pelo vale para pregar resistência e vingança eram santos de um tipo

completamente novo. Eram os mulás de ferro. Diziam que, se alguém batesse no corpo deles, ouvia-se um retinir metálico vazio. Como eram feitos de couraça, não podiam ser atingidos por balas, mas eram pesados demais para nadar e, portanto, se caíam na água se afogavam. A respiração deles era quente e fumarenta, como pneus de borracha queimando, ou como o bufar de dragões. Tinham de ser honrados, temidos e obedecidos. (RUSHDIE, 2005, p. 121)

Tradicionalmente, os *Mullahs* são professores de religião, mas em *Shalimar, o equilibrista*, o mulá Bulbul Fakh tem o papel de disseminador de dissensões, pois ele acusa Pachigam de ser uma aldeia degenerada, pela permissividade das relações entre muçulmanos e hindus. A posição do mulá é visivelmente extremista e, como afirma o narrador, anticaxemirense e anti-indiana. A apologia à violência, no entanto, encontra eco no microcosmo do romance, pois apela para a tradição e para a separação religiosa.

Bulbul Fakh acaba por tornar-se o guia religioso do campo avançado CA-22, uma instalação da linha de frente do centro mundial de atividades islamitas-jihadistas Markaz Dawar, para onde Shalimar se dirige, quando se une à Frente Nacional de Libertação da Caxemira, juntamente com seu irmão Anees, experimentando o perigo, a sensação de ser caçado noite e dia. Muito embora a aparente razão da sua adesão aos grupos terroristas tenha sido a sua desilusão amorosa com a traição de Boonyi, Rushdie faz questão de afirmar em suas entrevistas que a questão do terror está fortemente associada à ideia de honra no Oriente.

The most essential characteristic of the person who commits terror of this kind is the idea of dishonored manhood. I try to show this in my novel. The character Shalimar picks up the gun not just because his heart gets broken, but because his pride and honor get broken by losing the woman he loves to a worldly man of greater consequence and power. Somehow he has to rebuild his sense of manliness. That is what leads him down the path to slashing an American ambassador's throat. Living in the West, where there is no "honor culture," it is easy to underestimate its power. Judeo-Christian culture has to do with guilt and redemption. In Eastern cultures, with no concept of original sin, the idea of redemption from it doesn't make sense. Instead, the moral poles of the culture have to do with honor and shame.²

Para Shalimar, a desonra é avassaladora e só pode ser minorada pela vingança. Tanto que, para evitar que a filha seja assassinada, Pyarelal Kaul, com a ajuda do pai de Shalimar, Abdullah Noman, convence o marido traído a aceitar a morte burocrática de Boonyi como solução total de sua legítima ofensa, e quando esta retorna a Pachigam, obesa, viciada em ópio e sem a menina que gerou em seu relacionamento adúltero com Max Ophuls, a condição de morta-viva torna-se a sua proteção.

“Eles mataram você”, disse ela. “Depois do que você fez. Disseram que você estava morta para eles, anunciaram a sua morte e obrigaram todo mundo a fazer um juramento. Foram até as autoridades, preencheram um formulário, fizeram com que fosse assinado, selado, e agora você está morta, não pode voltar” (RUSHDIE, 2005, p.222)

Somente após a morte do sogro e a de seu próprio pai, Shalimar rompe o juramento e comete o assassinato que haveria de fazer o seu espírito sossegar.

Curiosamente, é também por uma questão de honra que Shalimar abandona a falange jihadista, pois considera desonrosa a função do homem-bomba. Para ele, a honra da luta consiste no embate face a face.

Rushdie aborda explicitamente a questão do terrorismo, ao mencionar a atuação de Magbool Butt, como o mentor de sequestros de aviões e atos de terrorismo.

Um avião Fokker Friendship da Indian Air Lines chamado “Ganges”, em honra do grande rio, havia sido sequestrado por terroristas paquistaneses, dois primos chamados Qureishi, que se evadiram além da fronteira do Paquistão. Os primos haviam permitido que os passageiros saíssem, depois explodiram o avião e renderam-se às autoridades paquistanesas, que armaram uma simulação para prendê-los, mas se recusaram a atender aos pedidos de extradição da Índia. Ficou patente que quem estava por detrás do ato era o arquite terrorista Maqbool Butt, que agora tinha sua base no Paquistão, com total conivência e concordância da liderança paquistanesa. (RUSHDIE, 2005, p. 243).

A ficção envereda também pelas relações entre os Estados Unidos e os combatentes afegãos, a fim de combater a presença russa no Afeganistão.

Os afegãos tinham seus próprios combatentes da liberdade e os Estados Unidos resolveram apoiar esses combatentes contra o seu próprio grande inimigo, que ocupara o país deles. Os operadores de campo — pessoal da CIA, das Unidades Contra Terrorismo e Unidades Especiais — passaram a se referir a esses combatentes como os *muj*, que soava misterioso e excitante, e escondia o fato de que a palavra *mujahid* significava a mesma coisa que a palavra *jihadi*, guerreiro sagrado. Armas, cobertores e dinheiro jorravam para o norte do Paquistão e uma parte dessa ajuda realmente chegava aos *muj*. (RUSHDIE, 2005, p.268)

Em *Shalimar, o equilibrista*, Rushdie incorpora à ficção um dos mais ferozes grupos de resistência afegãos: o Lashkar-e-Taiba. No romance, ele é denominado Lashkar-e-Pak ou Exército da Pureza, que, além dos objetivos políticos, tem objetivos morais,

determinando, por exemplo, a obrigatoriedade do uso da burca, a separação de homens e mulheres na vida social, bem como a de hindus e muçulmanos. Ironicamente, admite em suas fileiras os irmãos Gegroo, estupradores que haviam sido dados como mortos pela população de Pachigam.

A dura realidade das guerrilhas; das câmaras de tortura secretas de Badami Bagh; da violência praticada em nome de ideais obscuros e a destruição da vila ficcional de Pachigam são alguns dos eventos narrados no romance com o intuito de lembrar ao leitor que a linha entre ficção e realidade é tênue: ambas são interligadas pela vontade do homem.

A violência surge em vários relatos de extremismo, como, por exemplo, na passagem em que justamente Max Ophuls vai a um programa de TV, para o qual fora convidado graças à sua habilidade de contador de histórias curiosas, e, contrariando as expectativas de seu entrevistador, se põe a falar sobre a “Questão Caxemira” com a veemência de um Jonathan Edwards³, assumindo um discurso de denúncia:

Assim na linguagem de um cuspidor de fogo em púlpito evangélico, linguagem que ficava a uma eternidade de distância dos tons velados da diplomacia e souo como um choque para todos que conheciam e admiravam a habitual suavidade do seu discurso, Max vociferou sobre fanatismo e bombas, num momento em que o mundo estava brevemente cheio de esperança e tinha pouco interesse em suas notícias de desmancha-prazeres. Ele lamentou o afogamento de mulheres de olhos azuis e o assassinato de seus filhos dourados. Vituperou contra o advento de chamas cruéis a uma cidade distante feita de madeira. Falou também da tragédia dos pandits, os brâmanes da Caxemira que estavam sendo expulsos de sua terra natal pelos assassinos do Islã. O estupro de meninas, os pais incendiados, queimando como faróis que profetizam o fim. Max Ophuls não conseguia parar de falar. (RUSHDIE, 2005, p. 37)

Em meio à ficcionalização da história, é possível perceber o olhar crítico de Rushdie em relação à perseguição sofrida pelos artistas, que, como ele, expressam a sua própria visão das questões que envolvem a Índia e o Paquistão:

O que ela não sabia é que o pandit Gopinath Razdan, primo distante de Pyarelal, era também um agente secreto e havia sido enviado a Pachigam para farejar certos elementos subversivos nessa aldeia de artistas – pois artistas eram subversivos por natureza, afinal. (RUSHDIE, 2005, p. 109)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerado, por alguns críticos, como uma alegoria política⁴, *Shalimar, the clown* aborda questões cruciais para o leitor contemporâneo: o legado do colonialismo, o encontro entre Oriente e Ocidente, a concepção de “fronteira” e o terrorismo. Os conflitos entre hindus e islamitas representados na ficção reportam-se à questão real da posse da Caxemira, em consequência da Partição.

Ao narrar a história de Shalimar, Rushdie não apenas ficcionaliza os eventos históricos, mas expõe a sua visão das razões que levam o homem a abraçar o terrorismo; visão esta calcada no conceito oriental de honra, que, como o autor já demonstrou em outros romances, pode ter um efeito tremendamente destruidor. A questão da honra (*izzat*) está diametralmente oposta ao conceito de vergonha (*sharam*); ser desonrado significa cobrir-se de vergonha⁵. A desonra é punida com a morte. Não são poucos os casos registrados na imprensa em que mulheres foram sentenciadas à morte devido ao adultério. Essa visão implantada pelo fundamentalismo religioso assume, no romance, a feição de causa para a adesão ao terror. É para alcançar Max Ophuls e matá-lo que Shalimar adere à Frente de Libertação. De certa forma, a motivação particular da personagem simboliza o extremismo que dissemina a morte.

Ao retornar à Caxemira, Boonyi percebe que nem a terra natal nem o marido eram os mesmos. Tudo havia mudado; como a velha Nazarebadur havia profetizado tantos anos antes. A Caxemira assume, assim, no romance, a feição do paraíso perdido, não do modo descrito por Milton, pela queda do homem, mas segundo a ótica do homem contemporâneo: perdido pela destruição que só o homem é capaz de causar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GARDELS, Nathan. *Inside the mind of jihadists*. Acesso em 27 de julho de 2011.
Disponível em:

http://academic2.american.edu/~dfagel/Philosophers/TOPICS/HumanitarianIntervention/Inside%20the%20Mind%20of%20Jihadists_Rushdie.pdf

GOPAL, Priyamvada. *The Indian English novel: nation, history, and narration*. New York: OUP, 2009.

GREWAL, Inderpal. "Salman Rushdie: Marginality, Women, and Shame." *Reading Rushdie: Perspectives on the Fiction of Salman Rushdie*. Ed. D.M Fletcher. Atlanta: Rodopi, 1994: 123-44.

GUTERMANM, Marcos; COLOMBO, Sylvia. Entrevista com Salman Rushdie. *Folha on-line*. 06/07/2005. Acesso em 27 de julho de 2011.

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u51779.shtml>

JACKSON, Richard. "The ghost of state terror: knowledge, politics and terrorism studies". *Critical Studies on Terrorism*. v.1.n.3, 2008, p. 377-392.

NAHAI, Gina. "Rushdie's 'Clown' No Laughing Matter". *Jewishjournal.com*. April 27, 2006

RAJA, Masood Ashraf. "Salman Rushdie: Reading the Postcolonial Texts in the Era of Empire". *Postcolonial Text*, Vol 5, No 2, 2009. Disponível em:

<http://postcolonial.org/index.php/pct/article/viewPDFInterstitial/1073/948>

RUSHDIE, Salman. *Shalimar, the clown*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

¹ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u51779.shtml>

² Disponível em:

http://academic2.american.edu/~dfagel/Philosophers/TOPICS/HumanitarianIntervention/Inside%20the%20Mind%20of%20Jihadists_Rushdie.pdf

³ Referência ao sermão "Sinners in the hands of an angry God".

⁴ Vide a resenha crítica de Gina Nahai.

⁵ Within the community, women are subject to powerful traditional practices such as izzat (honour) and sharam (shame). Women are expected to uphold the honour of the family by conforming to certain prescribed roles, as the dutiful and obedient wife and daughter, who accepts or tolerates domestic violence rather than leave home. Failure to do so results in being treated as a social outcast by their extended family and wider community. They are accused of having brought shame on their family honour and are ostracised, harassed and even subject to acts of violence. In "honour killings" for instance, minority women may be killed by family or community members. These killings or other honour crimes such as assaults and abuse are justified as punishment for having brought shame on the honour of the family and that of the wider community. Disponível em:

http://www.bbc.co.uk/asiannetwork/features/hh/awadv_02.shtml